

O prazer



# O prazer

María Hesse

Prólogo de Lara Moreno





*À minha mãe, à minha irmã e à minha avó,  
as mulheres da minha vida*



«O sexo bom é como um bom jogo de brídege.  
Se não se tiver um bom parceiro,  
convém que se tenha uma boa mão.»

MAE WEST

## PRÓLOGO

Este livro pode ser considerado um livro de História. Com eles aprendemos o lugar que temos vindo a ocupar na Terra ao longo dos tempos, dos ciclos, das marés. Aprendemos a entender onde se encontra a raiz do que somos e do que outros foram antes de nós. A ver acima das cidades e dos campos e dos territórios devastados. A determinar por que razão não existe equilíbrio, igualdade ou justiça neste antigo sistema em que vivemos e que está em constante ebulição, sempre prestes a ir pelos ares.

Este livro pode ser considerado uma obra sobre mitologia. A mitologia é o imaginário mais poderoso criado pelo Homem para explicar o seu comportamento. Por vezes, também para o condicionar. Porém, com o devido distanciamento, como, por exemplo, aquele que esta obra proporciona, a mitologia serve para nos fazer compreender as nossas emoções. As nossas frustrações. Os nossos desejos. Os nossos jogos de poder.

Este livro pode ser considerado um manual de anatomia. Mas não um qualquer manual de anatomia, antes um que decifra a paisagem mais humana que existe. Aquela que é capaz de fazer que explodamos ao mínimo toque. Aquela que transcende os cânones históricos da beleza. A beleza anatómica deste livro tem origem na alegria e encerra o segredo de um modo de existir muito próprio.

Este livro pode ser considerado um livro ilustrado. Porque María Hesse recorreu a todo o seu poder, a todo o seu talento e a toda a sua inteligência, assim como à sua delicada e, por vezes, visceral visão do mundo, e encheu esta obra de força, de cor, de subtileza, para representar a mulher nas suas múltiplas condições, no seu infinito caleidoscópico de realidades. E o homem também. E a flor, a serpente, a formiga e todos os planetas.

Este livro pode ser considerado um diário pessoal. Um caderno de experiências. Um livro íntimo e universal. Um daqueles livros que folheamos como se fossem tesouros que alguém pousou no nosso regaço,

onde vamos encontrar o pormenor, a menina, o jogo, o crescimento, a dor, a primeira vez e a última, aquela tarde distante na memória de cada um e que de imediato nos traz de novo, viva, a noite escura em que a mulher nasce, essa recorrência vital que é sempre única e na qual nos reconhecemos, na diferença e no particular, no nosso e no do outro.

Mas este livro, que pode ser abordado de todos esses ângulos por todos eles abranger, deve ser encarado, acima de tudo, como um acto de amor. Porque María Hesse, a partir de um bonito refúgio de música e silêncio, quis oferecer-nos as suas mãos. As suas palavras e o seu olhar. E fê-lo com toda a delicadeza que uma dádiva dessas requer. Este livro é um acto político de generosidade. Uma atitude perante a vida, uma reivindicação indispensável, um caminho futuro — foi isso que María Hesse condensou numa palavra: prazer. Porque é aí, no prazer, que está tudo o que esta obra é: coragem, igualdade, irmandade, alegria, conhecimento, força, respeito e amor. Não há segredos. Não há que temer. Está tudo aqui. Desfrute da viagem. É infinita.

LARA MORENO



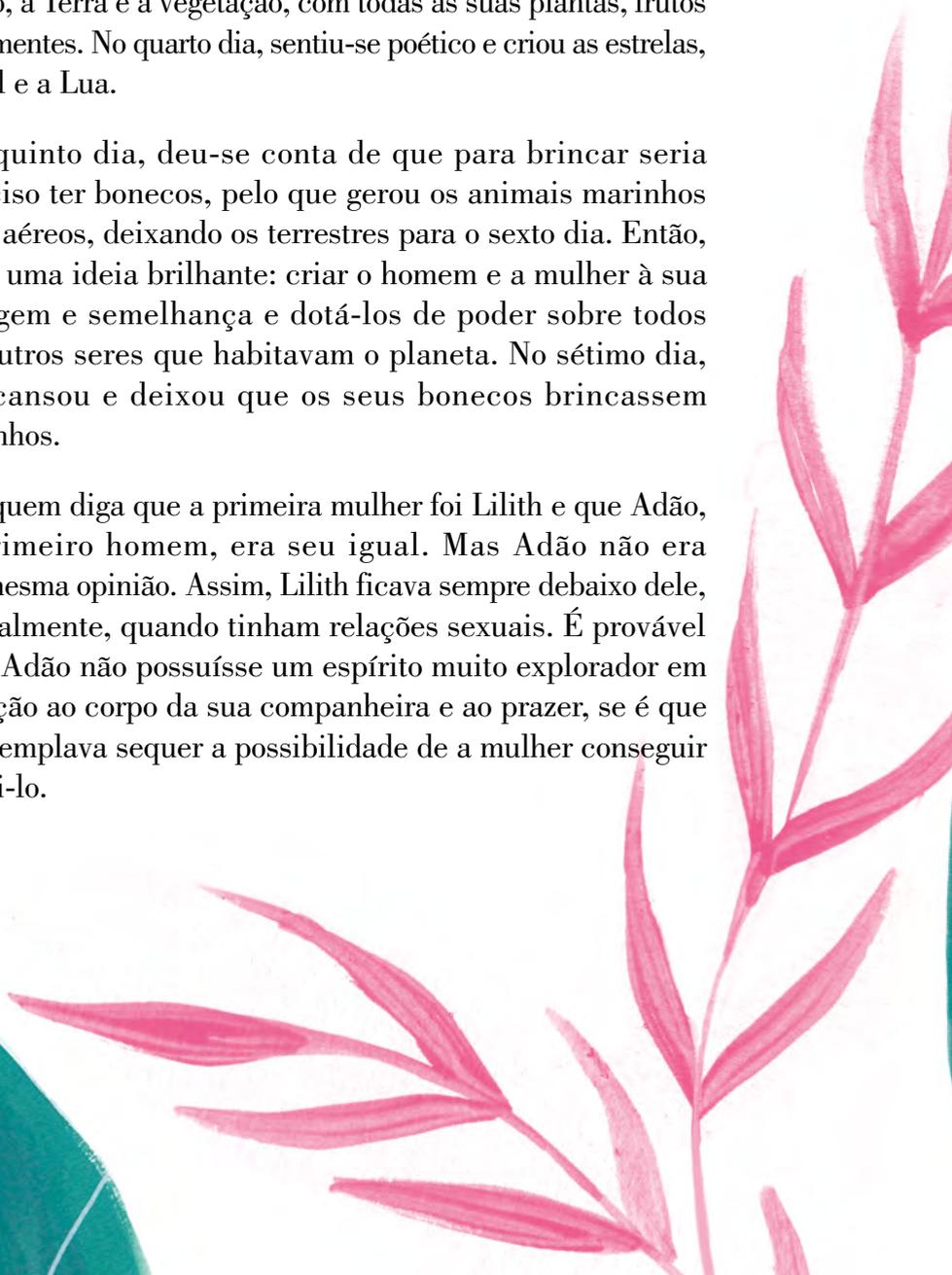


Um dia, estando Deus entediado e com muito tempo livre, decidiu criar o nosso Universo como quem compra uma casa de bonecas por montar.

No primeiro dia, separou a luz da escuridão, dando origem ao dia e à noite. No segundo, criou o céu e o mar. No terceiro, a Terra e a vegetação, com todas as suas plantas, frutos e sementes. No quarto dia, sentiu-se poético e criou as estrelas, o Sol e a Lua.

Ao quinto dia, deu-se conta de que para brincar seria preciso ter bonecos, pelo que gerou os animais marinhos e os aéreos, deixando os terrestres para o sexto dia. Então, teve uma ideia brilhante: criar o homem e a mulher à sua imagem e semelhança e dotá-los de poder sobre todos os outros seres que habitavam o planeta. No sétimo dia, descansou e deixou que os seus bonecos brincassem sozinhos.

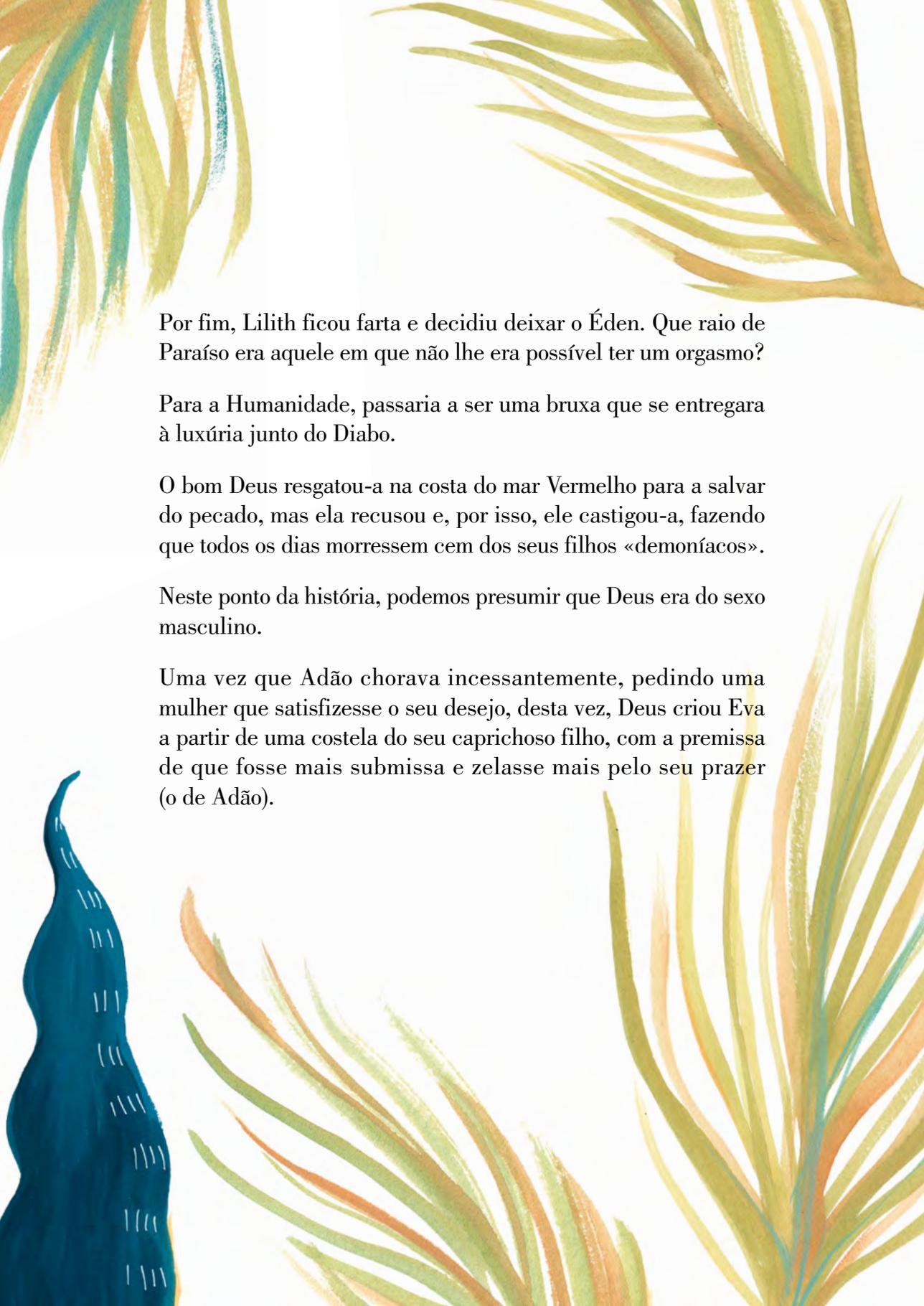
Há quem diga que a primeira mulher foi Lilith e que Adão, o primeiro homem, era seu igual. Mas Adão não era da mesma opinião. Assim, Lilith ficava sempre debaixo dele, literalmente, quando tinham relações sexuais. É provável que Adão não possísse um espírito muito explorador em relação ao corpo da sua companheira e ao prazer, se é que contemplava sequer a possibilidade de a mulher conseguir senti-lo.











Por fim, Lilith ficou farta e decidiu deixar o Éden. Que raio de Paraíso era aquele em que não lhe era possível ter um orgasmo?

Para a Humanidade, passaria a ser uma bruxa que se entregara à luxúria junto do Diabo.

O bom Deus resgatou-a na costa do mar Vermelho para a salvar do pecado, mas ela recusou e, por isso, ele castigou-a, fazendo que todos os dias morressem cem dos seus filhos «demoníacos».

Neste ponto da história, podemos presumir que Deus era do sexo masculino.

Uma vez que Adão chorava incessantemente, pedindo uma mulher que satisfizesse o seu desejo, desta vez, Deus criou Eva a partir de uma costela do seu caprichoso filho, com a premissa de que fosse mais submissa e zelasse mais pelo seu prazer (o de Adão).





Por esta altura, já Deus se estava a divertir e decidiu tornar a brincadeira ainda mais emocionante: plantaria no Éden a árvore da ciência do Bem e do Mal e proibi-los-ia de comer os seus frutos. Só para ver o que aconteceria.

Como não podia deixar de ser, quem caiu em tentação foi Eva. Terá, certamente, pressentido que lhe faltava algo, embora não soubesse o quê. Apareceu então a serpente. Dizem que se tratava do Diabo, mas eu acho que era Lilith, que havia regressado para tentar dizer-lhe que também ela tinha a capacidade de atingir o orgasmo.





Eva comeu o fruto da árvore e de imediato sentiu a mente aberta. Quis que o seu companheiro também tivesse essa sorte e deu-lhe o fruto a provar.

Foi então que Deus ficou muitíssimo aborrecido, ou assim fingiu, porque... Para quê plantar uma árvore se não se quer que se alimentem dela? À pobre Eva, deu o seguinte castigo: «Aumentarei as tuas dores quando tiveres filhos, e em dor os darás à luz. Mas o teu desejo conduzir-te-á ao teu marido e ele terá autoridade sobre ti.»

Se ainda restavam dúvidas, julgo que agora ficou bem claro que Deus era um homem.



Não sei como terá sido a primeira vez em que Eva se masturbou, se é que o fez, mas, depois de ler a descrição da jornalista e romancista britânica Caitlin Moran sobre a sua experiência, tentei lembrar-me da minha.

Tal como a muitas das minhas amigas, pouco ou nada me tinha sido explicado sobre sexo, além de todas termos crescido com um grande desconhecimento sobre o nosso corpo.

Por isso, não admira que a descoberta inicial do prazer da masturbação se desse por puro acaso.

Esse momento aconteceu-me ainda eu era uma criança. Estava deitada e acabara de rezar uma oração infantil muito conhecida, mas não sentia sono. Pus-me a brincar com uma pulseira que tinha na mesa-de-cabeceira, cheia de amuletos da sorte, enquanto, com a outra mão e quase por acidente, coçava a vulva, onde sentia uma comichão. Não tardei a concentrar toda a minha atenção no prazer que brotava daquele sítio a que ninguém dava um nome e que começava a intumescer-se. Imediatamente, por algum motivo desconhecido, senti que estava a fazer algo errado e parei. Sim, fiquei-me por um *orgasmus interruptus*.

E foi uma pena, porque a descoberta cabal de um orgasmo ainda demoraria muito a chegar.





